

GRAVURA E DEVIR

Prof. Helena Freddi

Artista, Doutora e do Centro Universitário belas Artes de São Paulo. (1958 - São Paulo, SP), graduada em Educação Artística pela FAAP - SP (1980); Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP - SP (1995); doutora em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicação e Artes da USP - SP (2003), desde 1999 exerce atividades acadêmicas ligadas ao estudo da gravura no ensino superior. É docente da graduação e pós-graduação do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Nos anos de 1995/96 desenvolveu trabalhos artísticos no Atelier Quattordici em Milão, em São Paulo participou do ateliê Gráfica 10 até 2001 e, no momento atua no Atelier HF.

No final do século passado, por ocasião de meu mestrado, defendi em minha dissertação que a gravura brasileira atualizara sua fatura, alargando seu campo de ação:

A gravura e, em especial, a gravura em metal brasileira produzida nos anos 80 e começo de 1990, impõe-se como linguagem poética, cujas características gráficas, mais que a possibilidade social de sua reprodução MÚLTIPLA ou mais que o seu mito técnico-formal, colocam-na fora do âmbito intimista dos ateliês. Confrontando a tradição que acompanha toda a construção da imagem gravada, com as técnicas industriais e eletrônicas de reprodução gráfica, surge uma gravura que, longe de negar qualquer uma das possibilidades técnicas e artísticas que se apresentam com a rapidez característica deste final de século, traz em sua realização a materialidade de uma linguagem, pois só este meio

garante sua existência poético-plástica. Não existe a possibilidade de traduções essencialmente qualitativas entre as linguagens plásticas. Portanto, o que é gravura, só pode existir como tal.¹

Nos quase 25 anos que sucederam essa dissertação, a gravura no Brasil imerge ainda mais nas questões poético-plásticas, tanto quando se imbrica com outras linguagens visuais ou quando reitera seu caráter gráfico mais tradicional. A demanda pela gravura é dada pela necessidade do artista e a resposta gráfica é a sua construção poética. Por outro lado, a técnica gráfica é um conjunto de procedimentos que pode gerar as edições de estampas, mas possui a capacidade de produzir outros tipos de coisas cuja natureza gráfica ainda lhes é uma marca de distinção. O ato de gravar é essencial para a construção da matriz, objeto que em si já é uma coisa gráfica. Alguns artistas podem fazer

desta etapa gráfica a única necessária para a construção de sua obra. A parte da entintagem da matriz, ela mesma, poderá ser outro elemento poético fundamental, assim como as múltiplas possibilidades de impressão e de suportes. Gravar, entintar e imprimir são as três passagens pelas quais as gravuras, desde a sua origem, devem enfrentar para chegarem à forma final de estampa seriada. No entanto, contemporaneamente, não existe a necessidade das tradicionais técnicas gráficas (xilogravura, gravura em metal e litogravura) para conseguirmos muitas estampas de uma geratriz: as novas tecnologias suprem com mais eficiência esta demanda comunicacional de multiplicação de uma mesma imagem. Por outro lado, as impressões digitais e industriais oferecem outras qualidades materiais que, muitas vezes interessam aos artistas. O uso isolado ou conjunto destas tecnologias com aquelas tradicionais é algo completamente assimilado pela Arte, embora o discurso mercadológico costume valorar a mistura ou introdução da tecnologia de produção de imagens como algo inovador na produção artística, abusando do desconhecimento generalizado sobre a linguagem gráfica para justificar a precificação do produto. A linguagem gráfica como matéria integrante de instalações, pinturas, livros de artistas, performances, entre outras, também faz parte deste campo expandido das Artes, que em um primeiro momento é elaborado como rompimento de categorias estabelecidas pela tradição, mas que durante o curso de todo o séc. XX desenvolve o entendimento de que os

procedimentos para a construção da coisa artística são escolhas ativas formadoras do sentido da manifestação poética. Ao compreender isto, todos os procedimentos, sejam aqueles novíssimos, menos usuais, mais tradicionais ou híbridos, são lícitos e próprios para o uso do artista. No livro *Seis propostas para o próximo milênio*², Italo Calvino percorre por vários escritos, autores e imagens mentais para verificar se leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade deveriam ser qualidades próprias e desejadas para a Arte no séc. XX. Sua estratégia de olhar para as construções artísticas – no caso a literatura; de todos os tempos como um recurso para o entendimento mais profundo da Arte, teve como consequência a percepção de que esses elementos poderiam auxiliar as realizações artísticas futuras. Dentre eles, parece-me que o texto intitulado *Exatidão* – no qual a questão da construção de imagens por meio das palavras é analisada; alumia a direção da linguagem gráfica em seu devir poético: “[...] o justo emprego da linguagem é, para mim, aquele que permite aproximar-se das coisas (presentes ou ausentes) com descrição, atenção e cautela, respeitando o que as coisas (presentes ou ausentes) comunicam sem o recurso das palavras.”³ Se a palavra é para o escritor, ou o poeta, a estrutura material que carrega ela mesma a precisão e imprecisão necessárias para a construção de um texto que propicie a experiência humana de um mundo, a matéria gráfica, gerada pelas mais diversas técnicas e tecnologias, fornecerá os elementos imprescindíveis à construção

poética daquela imagem vislumbrada ou pressentida pelo artista. A exatidão está justamente no auscultar subjetivo de um mundo natural e construído, conhecido e incógnito, afetivo e repugnante. O futuro da gravura no Brasil não está ligado a um prognóstico mítico de uma Arte de origem imemorial e perpétua, nem decorrente da lógica mercadológica. Seu futuro está atrelado à necessidade de construção poética de uma humanidade que seja capaz de oferecer espaço para o desenvolvimento de sua própria cultura.

REFERÊNCIAS

¹FREDDI, Helena E. da S. *Natureza gráfico-poética da gravura em metal contemporânea brasileira (1980-1994)*. 102 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais)- Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 1985. p.14

²CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

³Ibid., p. 90.